

V649

Vidas do Fora

RESERVA TECNICA
Editora G. ERGS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica
Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

adriana da silva thoma
ana carolina da costa fonseca
andré pietsch lima
andréa vieira zanella
andresa thomazoni
barbara elisabeth neubarth
benito bisso schmidt
bianca sordi stock
blanca luz brites
débora de Moraes coelho
elida starosta tessler
eugénia vilela
helenaraújo rodrigues kanaan
júlia dutra de carvalho
juliane tagliari farina
kátia maria kasper
larisa da veiga vieira bandeira
leonardo martins costa garavelo
luciano bedin da costa (org.)
luis artur costa
mara evanisa weinreb
marisa lopes da rocha
mayra martins redin
nara lúcia giroto
oswaldo giacoia junior
patrícia kirst
paulo fernando monteiro ferraz
regina basso zanon
regina longaray jaeger
sandra mara corazza
sara hartmann
simone mainieri paulon
tania mara galli fonseca (org.)
vera lúcia inácio de souza
vilene moehlecke
vitor butkus de aguiar
viviane trindade borges

Vidas do Fora

habitantes do silêncio

© dos autores.
1ª edição: 2010

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto

Ilustração da capa: Frontino Vieira. *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.*

Revisão: Gabriela Koza

Editoração eletrônica: Daniel Ferreira da Silva

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

V649 Vidas do fora: habitantes do silêncio / Adriana da Silva Thoma ... [et al.] ; organizado por Luciano Bedin da Costa e Tania Mara Galli Fonseca. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
381 p.: il. ; 14x21cm

Prefácio de Andréa Vieira Zanella.

Inclui ilustrações e fotografias.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia social. 2. Psicologia – Método Biografemático. 3. Potencial criativo – Internados psiquiátricos. 4. Pacientes psiquiátricos – Vida e Obra. 5. Oficina de criatividade – Hospital Psiquiátrico - Porto Alegre, RS. 6. Saúde mental – Políticas públicas. I. Thoma, Adriana da Silva. II. Costa, Luciano Bedin da. III. Fonseca, Tania Mara Galli.

CDU 159.954.4-056.34

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)
ISBN 978-85-386-0087-9

W² do registro: 3896

W² da obra: 1178

Data: 10/01/2010

Vidas do Fora e a escritleitura de um mundo incontável

TANIA MARA GALLI FONSECA

*Para Bárbara, fundadora – aos meus olhos –
de uma ilha deserta e que sabe,
como Arthur Bispo do Rosário, que:*

*“Os doentes mentais são como beija-flores.
Nunca pousam. Ficam a dois metros do chão”.*



Fotografia de Jessica Gidal

As torneiras de sua casa sofrem avarias. Umaz vazam outras emperram. Você chama o hidráulico para o conserto. Verifica-se, na inspeção, controles impotentes, canos entupidos pela ferrugem que, insidiosa, vedou as aberturas e entranhou-se, ali, como obstáculo à passagem do fluido. Apenas pequenos veios abertos restaram na tubulação. Despencam-se e substituem-se canos, torneiras e registros para que tudo retorne à ordem. Você, então, pode pensar: que tempo invisível é este que transmuta em entupimento aquilo que foi feito para escorrer e lavar? Que faces pode adquirir a matéria ferro quando em longo encontro com a água? Que pode a água diante do ferro?

I

Em nosso pensamento, há ainda um outro lugar, em que ferro e água celebram estranhas núpcias. Trata-se de um lugar que, mesmo de olhos fechados, temos vivo em nossa mente. Nele, paisagens se compõem, em dias secos ou molhados. Sob a luz da lua ou do sol. Dias e noites em ciclos fechados enfileiram-se em relógios sem ponteiros. No alto dos edifícios, podem-se ver papagaios empoleirados. Querem ganhar horizonte pelas cumeeiras. No ar, mansas vacas coloridas flutuam junto a galinhas perdidas de seus grãos. Evaporaram-se os gramados. A terra e as cercas se esconderam, imaterializaram-se em poeiras finas e imperceptíveis. Restou apenas seu cheiro. Os odores funcionam como pistas sensíveis de secretas secreções que não se deixam ver. Não se escutam riachos sussurrantes e tampouco se vê montanhas verdes. No plano, paira o silêncio e uma incessante bruma envolve telhados que se sobrepõem a outros telhados. Divisamos a paisagem como em um duplo embaralhado. Estranhos elementos misturam-se ao prédio imponente e de estilo e compõem, assim, uma bizarra arquitetura. Tem-se a impressão de que as névoas de um interminável inverno encontraram finalmente um lugar para sua existência insistente. Situamo-nos em um país profundo, feito de gestos que se proliferam em câmara lenta, cada qual inapagável e que se revelam como tentativas de uma construção titubeante após a catástrofe. Também nós precisamos ultrapassar os

limiares da percepção ordinária para reconhecer que, nesse lugar, é preciso sustentar um eterno estado convalescente que encena dramas de um combate para constituir uma morada no mundo. Nesse país, reina um tempo em que épocas demoram a chegar e saem sempre um pouco mais tarde. A obra do tempo, que se materializa em corpos – cinzas e lentos –, desloca-se nas flutuações de sua forçada letargia. Alimenta-se da erosão, mas, como viremos a saber, resiste frente ao que lhe é adverso, entrega-se a serviço de um si que não cabe em explicações e que se coloca em busca de um eterno retorno ao sentido. Neste secular “lugar ideal” de repouso – e de desterro –, os habitantes do “palácio” da loucura andam a dois metros de um chão inexistente. Habitam uma zona do ‘entre’, perguntando-se, a cada instante, como Alice de Carroll: em que sentido? em que sentido?

Adormecidos de sua insônia, esquecidos de sua história, alguns desses seres flutuadores exercem, contudo, uma função autoral: transformam a infâmia que se abateu sobre sua existência em outros possíveis. Quando andamos nos pátios e edifícios do palácio da loucura, construídos pela reta razão, podemos identificar faixas paralelas do tempo no tempo de dois trilhos. Como formula Bruno Shulz (1994), aqueles acontecimentos que não podem ser enfileirados num tempo ordenado, dispostos em sequência como numa fila e que chegaram tarde demais, quando o tempo já tinha sido distribuído, dividido, desmontado e que, agora, ficaram no ar. Quando nos equilibramos sobre os trilhos do tempo ordenado por gonzos, podemos visitar locais onde se erguem grandes vitrines que guardam descomunais livros de registro. Nosso olhar torna-se escuta quando os folheamos e, neles, ainda podemos ouvir o ranger de antigas canetas à tinta molhada riscando o branco papel sob a mão de alguns funcionários. Naquela escrita, vidas foram traçadas e decididas, foram colocadas em jogo e sucumbiram na infâmia de sua inexpressão. Impiedoso, o arquivo de registros oficiais, escrito por anônimos, parece subtraí-las para sempre de uma possível apresentação. Desterradas pelos raios das palavras, vidas devem permanecer silenciadas já que todos os esforços de cura de sua insanidade foram fracassados. Vidas insanas e incuráveis, cuja presença singular nos aparece exatamente

através daquilo que as cala e as distorce num esgar. Então, compreendemos o que pode o poder e que sua ação não se reduz a reprimir. Admitimos que vidas reais foram postas em jogo e ocupam, nesse arquivo infame, um lugar possível. Com certeza, para a maioria dos sujeitos internados, esses lacônicos registros, enquanto marcavam os sujeitos com o selo da infâmia, também traziam a certeza de terem se constituído no único rastro de sua existência. Guardam curiosas histórias, testemunham secretas práticas, denunciam costumes sociais que poderiam ainda ser nossos: nesses álbuns de selos, diagnósticos e prognósticos descrevem a difícil reconciliação do homem com o homem, do homem com os seus instintos, das instituições que foram sacralizadas para expulsar a alteridade indigna de existir e de conviver. A coleção de álbuns, instalada nas vitrines do memorial da loucura, nos aparece como um livro da contabilidade do juízo. Nada passou despercebido aos seus escrivães que, furiosamente, investiram sua antiga caneta sobre o branco papel que ficará para a história. Não sabiam eles, naqueles momentos de redação, que sua escrita iria explodir em estilhaços. Seguiriam direções múltiplas, tantas quantas viessem a ser seus possíveis leitores. Relançar-se-iam sobre toda a humanidade para confrontá-la com suas injustas verdades moralizantes. Tornar-se-iam um inapagável relato dos enlaces entre ciência e moral e dar-se-iam a ver, enfim, como mil espelhos colocados nos crachás e lapelas de cada um dos funcionários do Estado. Assim, ao examinar a colossal coleção de álbuns de selos infames, algo diferente acontece em nós. Orientamo-nos em direção ao que nos leva Bruno Schulz (1994, p.11), no seu conto ‘Primavera’:

(...) em todos os horizontes, em todas as esquinas, crescia, emergia este perfil onipresente e inevitável, fechando o mundo a chave como uma prisão. E, quando cheios de uma resignação amarga, já perdêramos a esperança, quando já nos conformáramos com a uniformidade do mundo, com aquela imutabilidade cujo fiador era Francisco José I – abriste inesperadamente diante de mim, como uma coisa sem importância, este álbum de selos, oh, Deus, permitindo-me ver de passagem este livro descascando-se com brilho, este álbum despindo-se, página após página, cada vez mais luminoso e mais apavorante... Quem poderia me levar

a mal por eu ficar deslumbrado naquela hora, exânime de tanta comoção, por derramar lágrimas dos olhos que transbordavam de luz. Que relativismo deslumbrante, que feito copernicano, que fluidez de todas as categorias e todos os conceitos. Quantas formas de existência nos deste, oh, Deus, quão incontável é o teu mundo! É mais do que pude imaginar nos meus sonhos mais ousados. Então era verdade esta antecipação prematura de minha alma, que, contrariando as evidências, insistia ser incontável o mundo!

Gostaríamos, pois, de asseverar e repetir com Schultz, nosso desejo de primavera. Gostaríamos de ir em busca do perdido mundo incontável. Ir além e também aquém das contabilidades fiscalizantes. Adoraríamos nos ultrapassar, para vir a nos encontrar fora dos trilhos da história, deixar-nos levar apenas a um dos braços laterais da história enfileirada. Tomaremos, pois, um desvio cego e decidiremos andar fora dos trilhos daquele tempo parado e mumificado da vitrine museológica, de onde ainda podemos ouvir e ver disparos e relâmpagos. Nosso caminho nos conduzirá a um lugar antagônico aos postos, onde se deve pagar impostos e tarifas alfandegárias para a sustentação da existência. Procuraremos um entreposto, vizinhante das edificações retas e até mesmo situado em sua quadrada arquitetura. Algo como uma ilha deserta, na qual, desnudos habitantes tomam sol durante horas. Sonharemos com este enclave de ar na cidade murada. Saberemos que sua ocupação é só em aparência, e que essa ilha deserta que buscamos retomará e prolongará seu impulso apesar das codificações que a querem anexar ao continente. Estaremos sempre nesse esforço contra a dominação das marés. Procuraremos produzir, ao menos, um mínimo território, no qual se secam as palavras e as injúrias, para conceder um solo aos habitantes errantes. Eles já enxergaram as marés, foram suas vítimas e afogados, e agora, tentaremos ressuscitá-los, mesmo que já tenham sido levados. De seu além, nada poderão dizer ou usufruir, mas nós, através da sua tragédia, iremos em busca de outro mundo do mundo, sonharemos, enfim, com uma ilha deserta da história do homem. Ela própria seria tão somente o sonho do homem e o homem a sua pura consciência (Deleuze, 2006). Nela, a geografia se coligaria ao imaginário, e não

se trataria de virmos a encontrá-la fisicamente. Seria um território existencial, somente existente como pensamento: presença-ausência de seres amnésicos que ali se situam além de sua precedência carnal e histórica – seres que portam estandartes faiscantes enquanto criam e resistem e que continuam a existir como despossuídos e sem qualidades, não nutrindo, jamais, a gana da posse e do domínio. Pensaremos que tal lugar da imaginação deveria, entretanto, continuar para sempre inabitado. Não poderá jamais ser tomado pelo homem e por suas verdades ilusórias. Deve funcionar como respiradouro, como um não lugar, lugar de todos e de ninguém, lugar coletivo, sede de possíveis utopias. Nele se cruzariam versões de toda a espécie, haveria sempre um vazio e um silêncio para recebê-las e fazê-las circular, lugar sem ocupantes, ocupantes sem lugar. Circundado que se encontraria pelo mar de verdades e julgamentos proferidos pela razão científica e governamental, este lugar – que iremos encontrar a seguir – mostrar-se-ia como um ovo daquele próprio mar que o produziu. Tudo aconteceria como se, num passe de inversão, tal ilha deserta tivesse tornado deserto o próprio mar que a circunda, abrindo nele infinitos veios de navegação que já não caberiam no olhar inspetor e unidirecionado da retidão. Talvez, daqui, se tornasse possível colocar fora do jogo vidas minúsculas até então, exclusivamente, marcadas por palavras que as subordinaram a fins práticos e corriqueiros, com função meramente designativa. E, a seguir, talvez, então nos seria possível, a experiência de apresentar o mundo ao invés de representá-lo, fundar, como afirma Blanchot (1984), “o outro dos mundos”, que não se refere a um mundo inexistente, mas sim aquele que é evocado em seu esplendor e realidade plena e que, por ter se tornado possível avisaria à linguagem da sua insuficiência frente à vida. Far-nos-ia também sair da dialética, repensar as noções de sujeito e de história, verdade e origem. Significaria uma fuga do aprisionamento posto pelos conceitos e o abandono das certezas de nossa cultura e dos princípios que regem nossa história. Tratar-se-ia de um esforço para realização de uma irrealizada história, a qual só se efetuará pela negação de todas as suas realidades particulares, por sua negação e, ao mesmo tempo, pela afirmação da mes-

ma negação. Essa afirmação pela ausência nos levaria a um fora da linguagem corrente, constituiria a condição de uma obra feita pelo “desdobramento” das palavras, sendo, enfim, o que nos permitiria chamá-la de “experiência do Fora” que encenaria todos aqueles atos de escriteira que viríamos a empreender em nossa saga pelos caminhos do arquivo de vidas e obras com o qual estamos implicados.

No arquivo, deveremos anular o tempo, neutralizá-lo, dissolver-lhe a história, desbaratar-lhe as verdades, abolir-lhe os sujeitos, fazer soçobrar sua ordem para jogar um pouco de estranhamento e de insólito no mundo enfileirado. Esse, contudo, não desapareceria, Desdobrar-se-ia no outro dos mundos, exteriorizado de suas profundezas, colocado em relação com o Fora, possuindo outra versão, constituída de devires, espaço do deserto, do exílio e da errância. Uma outra imagem de mundo ser-nos-ia possível e ela seria produzida por nossa capacidade de tornar as coisas inapreensíveis, inatuais, impassíveis, ou seja, diferidas pela potência de nosso pensamento que torna presente aquilo que se produz em sua ausência.

Desde esse modo de pensar, seria, então, possível retomar os álbuns de selos contidos nas vitrines dos portfólios da loucura. Eles seriam lidos de cabeça para baixo, e também em diagonal e nas entrelinhas, em partes e fragmentos, enfim, de modos e posições que poderiam suspender o presente e restituir ao passado aquilo que ainda nele permanece como grito abafado. No não lugar, sem nomes ou distinções, na imaginada ilha-imaginária repleta de virtuais, desejaríamos ser capazes de nos fazer praticantes de revirações do passado em futuro e de escrever a história a contrapelo. Tratar-se-ia, então, de fazer nascer uma segunda origem, um recomeço? Tratar-se-ia de vir a encontrar uma outra coleção de álbuns que, paralela àquela envidraçada, renega a catástrofe registrada empertigadamente nos registros da história da loucura? De dar, enfim, uma segunda chance para a apreciação da vida? Em sua afirmação de que: “Não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis”, Deleuze (2006, p.22) nos auxilia a deter nossa arca do dilúvio.

Assim, na sequencia de nossa navegação, vamos fazê-la pousar na única porção que acreditamos não se encontrar total-

mente submersa no país profundo em que estamos circulando. Na ilha-deserta do Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, cuja superfície nos é também confiada, pareceu-nos ser esse lugar onde tudo pode recomeçar num mundo que tarda a recomeçar. Recuemos, pois, no tempo, em direção ao imemorial. Não nos iludamos, entretanto. Este espaço-tempo que existe perto de nós é vizinho das outroras encasteladas. Foi dotado de diversos dedos a mais e que, ágeis, agora nos apontam para o insuspeito, ou seja, para aquilo que ainda não tínhamos olhado e que está recomeçando. Devemos problematizá-lo, pois.

II – O mal de arquivo

Desconfiamos que, com nosso desvio, talvez, quiséssemos mesmo estar em companhia de ladrões para vir a sondar o acúmulo de seus tesouros roubados, para vir, enfim, encontrar um depósito irregular do ilegítimo. Como na caverna de Ali “Bárbara” e os quatrocentos ladrões, vemos ainda fazer brilhar o esplendor de vidas condenadas e fora da língua maior. Colocar-nos-íamos, pela nova geografia desviante, em busca do homem perdido, a nos abraçar com aquele monte de desenhos e pinturas suportados por mais de cem mil velhos papéis reutilizados.

Qual valor para a vida poderia se desprender daquele aparente lixo, acumulado por 19 anos num sótão cujas portas rangem e o vento nos corta quando passa pelas janelas sem vidros? Poder-se-ia tomá-lo como uma coleção de pistas, de rastros, enfim, vestígios das inúmeras setas disparadas por ladrões desnorteados que, de sua desrazão, dia após dia, roubaram um pouco de ar para viver de outro modo na cidade murada. Poder-se-ia observá-lo como designações da forma vazia de onde provieram como exercícios do ser que, longe da interioridade pessoal, emergiram na superfície. E, ainda, como transgressões que abalam as verdades instituídas e nas quais desaparecem as dicotomias e as contradições entre interior e exterior, realidade e imaginário.

Tais vidas, no labor diário de seu atletismo, contaram, é certo, com a ajuda de outros que, ajuizados, abriram-lhes as portas de seus

braços e ouvidos, deram-lhes nome próprio e mantiveram os olhos faiscantes enquanto acompanhavam aquelas mãos inábeis e enrijecidas a traçar, com tintas, canetinhas e lápis coloridos, uma outra escrita de si. Na caverna de Ali “Bárbara”, tornou-se possível, àquelas vidas do Fora apresentarem-se e dizerem de si, mesmo que através do enlouquecimento dos signos. Ali, formara-se uma pequena multidão de técnicos, profissionais e estudantes que, movente em sua composição, iam e vinham e viram, assim, os anos correrem céleres através de cada manhã. Foram tantas as produções brotadas daqueles instantes, que os anjos ajuizados que acompanhavam sua feitura resolveram fundar um domicílio, um espaço de depósito, no qual se podia ver nascer um arquivo informe. Nesse, transmutava-se o privado em público e tornava-se possível reunir os signos enlouquecidos em um único lugar. Das precárias instalações, arranjadas em uma espécie de sótão que outrora havia servido de enfermaria e local de cirurgias, aproveitaram-se longas mesas grosseiras e velhas macas. Estantes desengonçadas serviram também de apoio aos magotes de papéis que continham os estranhos desenhos e pinturas. Não havendo mais móveis suficientes, os papéis passaram a ser acumulados no próprio piso e o seu volume, sempre aumentando, indicava que algo continuava a latejar nas vidas de seus autores. Como as múltiplas cópias que o gravurista imprime de sua matriz, repetiam-se as cenas, suas representações e motivos que, após feitas, eram enroladas em séries de tiragem diária. Assim, enrolados para dentro de si mesmos, com as costas voltadas para fora, os papéis desse arquivo informe ficaram por muito tempo. Como folhas soltas de um grande livro despedaçado, misturava nomes e datas e sua vista era embrulhada e confusa. Desanimava aquele que dele quisesse se aproximar, uma vez que, tendo tudo, mas em grande desordem, mais escondia do que visibilizava. Avizinhava-se a necessidade de um novo trabalho dos ajuizados.

Alguns foram chamados e outros se autoconvocaram para o enfrentamento com aquele caos de papel. Deu-se início à classificação por nomes e datas e as obras começaram a ser distribuídas, divididas e empacotadas por autor e data e recebiam, no invólucro pardo, uma inscrição frontal que as identificava. O arquivo toma-

va forma e passava a ocupar os trilhos do tempo cronológico. Foram necessários anos até que o espaço ficasse tomado pelas grandes pilhas de papel pardo. Muitos catalogadores vieram, ficaram um pouco e desistiram quando sentiram os ardores da tarefa. Outros ficam até agora e se entranham nas paredes. Constituem, então, outras segmentações, formulam novas classificações, remanejam as pilhas de suas antigas posições, compõem uma paisagem de aleias por onde circulam seguros, sendo capazes de apontar, dentre as enfileiradas pilhas quietas e mudas, onde se encontram as obras deste ou daquele que se lhes pergunte. Erigem uma arquitetura contra o esquecimento e dizem-nos, exultantes, terem conquistado a atualização do arquivo, ou seja, atingiram o tento de só empacotarem e classificarem os atuais trabalhos que ainda são produzidos; mas, também nos contam, surpresos, que volta e meia, ainda surgem, não se sabe de quais esconderijos, outros maços de papéis enrolados ou em pastas, com marcações de datas antigas e nomes de autores mortos, que estiveram extraviados não se sabe bem por quê.

É através da observação dessa interminável lida arquivística que vamos encontrar, no próprio arquivo, motivos para novas problematizações. Partimos do ponto que o espaço do arquivo não é apenas um lugar de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado. Nele entranha-se aquilo que Derrida chama “mal de arquivo” e que o faz trabalhar contra si próprio. Convocação silenciosa, este mal – de origem pulsional anárquica – “destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento característico” (Derrida, 2001, p.21). Tal pulsão de morte e destruição não deixa monumentos e documentos como um legado que lhe seja próprio. Não possibilitará ao arquivo ser a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Hipomnésico, este arquivo trabalha contra si mesmo, sendo, paradoxalmente, conservador e instituidor, tradicional e revolucionário. Criado como um suporte exterior à memória interior e espontânea, o arquivo torna possível instituir como acontecimento aquilo que é arquivável. Ele nos mostra que não haveria desejo de arquivo não fossem a finitude e o esquecimento daquilo que se quer arquivar,

não fosse, enfim, a ameaça de sua destruição. “Ora, esta ameaça é in-finita: ela varre a lógica da finitude e os simples limites factuais, a estética transcendental, ou seja, as condições espaço-temporais da conservação” (Derrida, 2001, p.32). O mal de arquivo implica, pois, no in-finito, em tudo o que está por vir, na sua abertura para o futuro sem a qual não haveria, para o arquivo, nenhum desejo ou possibilidade. Mais do que uma coisa relativa ao passado, “o arquivo deveria *pôr em questão* a chegada do futuro”, continua a nos dizer Derrida (Derrida, 2001,48). Trata-se de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para o amanhã. Fazendo-se Um, o arquivo compõe-se de uma estrutura espectral: nem presente nem ausente em carne-e-osso, nem visível nem invisível; torna-se uma casa assombrada na qual sempre há lugar para a verdade do delírio e da loucura trancafiada sob sete chaves. Verdade que, mesmo recalcada, retorna como verdade espectral, fantasmática e irreduzível à explicação. Para acessar seu feitiço espectral, temos de falar uma língua própria, pois não se fala com fantasmas em qualquer língua. O rastro do fantasma está ali, mas tudo o que ele faz para nós é abrir portas atrás de portas, desconstruindo sua aparência de substituto deformado daquela primeira/última verdade que ainda respira no coração de seu delírio.

Nesse momento, os decifradores do arquivo já devem ter compreendido a importância em conciliar certo espiritismo com a razão. Já se defrontam com as reservas e esquivas trazidas pelo problema da tradução; já sentem que os documentos, desde sua singularidade in-substituível, ofertam-se e furtam-se, abrem-se e subtraem-se às leituras fáceis e interpretativas. Os leitores do arquivo sofrem do “mal de arquivo”. Vivem agoniados com aquilo que os atrai mas que não podem dominar. Seu mal, contudo, pode significar outra coisa do que sofrer de um mal, no sentido comum. Nas palavras de Derrida (2001, p.118):

É arder de paixão. E não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa se anarquiza. É dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico

do começo absoluto. Nenhum desejo, nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão à repetição, nenhum ‘mal-de’, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está já com mal de arquivo.

Não estariam tais leitores – acometidos pelo “mal de arquivo” –, também a experienciar o Fora, buscando sem cessar a presença de algo que insiste em se ausentar? Não seriam os atuais decifreadores das vidas e obras contidas no arquivo aqueles que teimam em desdobrar o mundo no outro dos mundos? Anunciadores das auroras ainda não vindas nos pátios do palácio da loucura?

Pensamos neles como Ricardo Piglia (2006) pensou o seu “último leitor”, ou seja, aquele leitor essencial que empenha sua alma na tarefa de decifrar as páginas desfolhadas do colossal livro da desrazão. Pretendemos, nesta sequência, imaginar sua labuta de decifração. Em dias quentes ou mesmo naqueles gélidos e de vento forte, escutam desprender-se das pilhas empacotadas, um constante murmúrio, um interminável rumor que pressentem estar abafado por diversas portas que se fecham/abrem umas atrás das outras. Como se uma inquietude – rebelde e esconjurada –, ao sentir a possibilidade de vir a ser liberta, venha pedir-lhes passagem, utilizando seus corpos sensíveis para sair de sua quase-causa profunda, transformando-se, então, em efeito de superfície e enunciação que pode ser falada. E, quando finalmente se acostumam ao incessante rumor desprendido e passam a desembaraçar as folhas daqueles pacotes murmurantes, quando as estendem em mesas para folheá-las, apreciá-las e, sobretudo, para interrogar suas inscrições, podem, então, escutar gritos, como se, com o calor de sua proximidade, um elemento inarquivável e anárquico pulasse dali, para agarrar-se a uma possível, ainda que frágil existência. Um elemento pulador é atraído por aquele que observa e, em sua natureza de quase-causa, não pode tudo sozinho. Necessita afetar outra natureza que, mesmo lhe sendo heterogênea, carrega algo que lhes é comum. Necessita de uma relação de intimidade para que possa agir como de assalto, na imediatez de um contágio, de uma intrusão, que inverte um em outro e que suspende o presente ao evocar a presença mesma

daquela ausência que quer repetir-se e eternamente recomeçar. Os leitores são tomados de arrepios quando isso lhes acontece. Confrontam-se com uma repetição sempre diferencial que funda um tempo não mais cronológico e no qual as coisas não conhecem mais começo nem fim, nem chegam a acontecer de fato e, justamente por isso, estão sempre recomeçando. Parecem ter nas mãos, aquilo que Maurice Blanchot aponta em seu “O livro por vir”: um porvir, um “ainda não” que marca a impossibilidade da linguagem em deixar-nos cadastrar o mundo através de palavras. É Blanchot (1984, p.88) que nos diz:

O deserto ainda não é o tempo nem o espaço, mas um espaço sem lugar e um tempo sem engendramento. Aí, apenas se pode errar, tempo sem passado, sem presente. Terra nua onde o homem nunca está presente, mas sempre fora. O deserto é esse fora onde não se pode permanecer, pois estar aí é sempre já estar fora.

Assim, nesses termos, ao mesmo tempo em que podemos pensar o arquivo como um espaço literário, uma vez que ele contém “a perseverança das coisas depois que o mundo desapareceu, a teimosia que resta quando tudo desaparece e o estupor do que aparece quando não há nada” (Blanchot, 1997, p.317), também podemos pensar seus “últimos leitores” como errantes e exilados “que se deixam levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir” (Salem Levy, 2003,p.34). O arquivo como o lugar de exílio, não lugar, deserto – do mundo e do sujeito –, lugar em que o *eu* transforma-se em *ele*, lugar do impessoal, do outro – este desconhecido e errante que libertou sua interioridade, que se fez superfície e tornou-se a própria ausência e que, por sua voz, possibilita um discurso sem autor, discurso de todos e de ninguém. Escrever, pois, desde esse lugar, supõe que os leitores tenham se deixado levar para além de si mesmos, para um fora-de-si e que tenham feito de sua leitura uma escrita não sobre o mundo, mas com o mundo e que, em sua enunciação não houvesse busca de sentido para uma unificação pessoal ou para a cura de suas neuroses. Nada teria a ver com suas lembranças, e tudo emanaria de visões, audições, devires e potências

que circulam no Fora. Morre o autor, no sentido de um eu pessoal, nasce um anonimato informe e obstinado que tira o poder de dizer “Eu”, um plural da própria palavra e que, como diz Foucault (2001, p.52), abre caminho para a linguagem como escoamento do Fora:

Escrever, hoje, está infinitamente próximo de sua origem. Isso é, desse murmúrio inquietante que no fundo da linguagem anuncia, logo que se abre um pouco o ouvido, aquilo contra o qual se resguarda e ao mesmo tempo a quem nos endereçamos.

III - A escrita de um mundo incontável

Nesse ponto, somos levados a retomar aquela nossa decisão inicial de seguir pelo desvio da história. Também nos vem à mente a imagem daquele outro arquivo de registros de internamento, colocado, intocável, em vitrines para a posteridade. Parece-nos que, vizinhos, os arquivos travam um combate que não se situa, contudo, em uma natureza que lhes é própria. Ambos são espectrais e nada, em nenhum deles, impediria a tarefa “do último leitor”, tal como acima foi referida. Ambos carregam a condição de potências imanentes que estão sob a condição de um tempo intempestivo e não reconciliado com a história. Essa constatação nos faz pensar que tudo o que pode diferenciar os arquivos é dito a partir do modo de lê-los e de enunciá-los, sendo, portanto, eles próprios, destituídos de sentido ético e estético. Contudo, acreditamos que desse outro modo de escrita, do qual se produz uma ontologia, também se desprende uma ética e uma estética que suportam uma nova maneira de relação com o real, restabelecem o vínculo do homem com o outro homem. Modo de ler, modo de escrever e de enunciar como experiência do Fora, como despersonalização do sujeito que, em seus atos de criação e resistência, age contra a história, contra os saberes e os poderes que a sustentam como infâmia e injúria, como o intolerável.

Assim, passam-se os dias. De catalogação e leituras. Pelas mãos dos “últimos leitores”, desfiam-se cada uma das 100.000 páginas espalhadas do possível álbum que está por vir, mas tarda a chegar. Reunido e unificado, o arquivo do desvio transforma-se em

labirinto e seus leitores aprendem a ler por linhas tortas e nas lacunas. Não se mostram preocupados em selar ou carimbar com rótulos aquela escritura. Tampouco buscam encaixá-la na gramática do conhecimento arbitrado. Assumem sua ignorância diante do que veem nascer, agem como os famintos e sedentos que, quando têm em mãos uma fruta que não acabou de amadurecer, a afagam e aquecem – e mesmo a apertam suavemente entre os dedos –, para fazer movimentar seus sumos e trazê-los à superfície. Não se trata, então, de ir à profundidade. Todo o artifício consiste em produzir superfície, um plano comum que sustente as vidas errantes de todos.

Sabem que, por sua obra de escriletores, algo se distingue nesse arquivo diferentemente do que acontece no arquivo oficial, situado nos trilhos da história. Encontram, nele, múltiplas traduções para as vidas silenciadas. Sentem como elas lhes escapam e como insistem em sua expressão, que se traduz em linguagens que muito diferem daquela depositada nos registros manicomialis. Fundam um plano de vozes e rumores, frente ao qual de início se perguntam se estão descendo a uma maior profundidade ou se estão flutuando naquelas inscrições produzidas por um modo que não procura sentido, mas que se deixa levar pelos signos que insistem em brotar e se repetir. Encontram-se com tais vidas e suas obras no Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro e, nessa ilha-deserta, como naufragos, os pesquisadores-leitores-decifradores-ressuscitadores navegam na massa daqueles dos papéis-vidas. Parece-lhes estarem em um mar que, na horizontal, abre múltiplas entradas. Sabem que estão a serviço de um resgate para que as águas das marés do esquecimento não destruam aquele legado. Dentre desenhos, pinturas e bordados, situam-se, em um primeiro lance, pelo que os atrai sua visão. Estabelecem, assim, um encontro cujas razões lhes são desconhecidas. São, então, tomados por cores, por séries fantásticas, por escrituras que nunca imaginaram restar ali, como gritos do interminável delírio ao qual ainda resta uma lucidez. Tudo se lhes torna surpreendente, pois, ali, naquele fim de mundo, seria o último lugar onde poderiam supor encontrar alguma beleza e, ainda, algumas vozes emitidas de corpos que não mais existem. Sabem que, como editores de um livro sempre inacabado, estão confrontados com uma espécie de diários da

loucura – diários daqueles momentos em que a loucura pôde falar, pôde dizer, colhendo, então o direito de ser escutada. Tal como arqueiros, os artistas-autores-loucos lançaram suas flechas para todos os possíveis passantes. Escreveram a longa carta de seus instantes, destinaram-na a quem se deixasse afetar por suas fincadas. O Acervo de Obras torna-se, então, o sôtão silencioso de murmúrios dos instantes que essas vidas tiveram oportunidade de expressão. Com seu espaço quase todo ocupado, as inúmeras pilhas de papéis tornam-se também (p)ilhas que, como bancos de corais em meio ao mar, permitem um sossego, quem sabe para deter a velocidade das correntezas da desrazão. E, ainda, se as obras empacotadas viessem a ser estendidas, formariam um imenso tapete enfeitado a encobrir de ponta a ponta, na horizontal e na vertical, o espaço arruinado que se tornaria, assim, uma espécie de templo da memória feito da mistura de cores, nomes e datas, sem homens e sem deuses, apenas inscrições acumuladas e guardadoras de segredos inconfessáveis. Os leitores, diante dessa imagem, podem então também se perguntar: em que sentido? em que sentido? sentem que não há como não se deixarem arrastar pelas subterrâneas correntes de silêncio daquele plano sem precipitações abruptas. Ali, um tesouro conspira em direção ao sussuro e ao ainda apor vir. Nessa coleção de indícios, têm de afinarem o ouvido e conversar em voz baixa sob pena de prejudicarem as ressurreições. Sabem que se encontram em um não lugar que, entretanto, se tornou um lugar para aqueles que não tiveram sequer um digno lugar na existência e que, como natimortos, jazem inertes à espera que sejam tocados para receberem o lugar do sentido. Os milhares de papéis desenhados e pintados podem ser assemelhados a membranas sensíveis nas quais foram inscritos a desmesura e o *non-sense*. Os leitores surpreendem-se quando os sentem ainda quentes após tantos anos de terem sido feitos, quando percebem quanto eles ainda reverberam e ressoam a ponto de se invertirem as posições: aquilo de aparência antiga, velha e decaída, feito por já mortos, parece investir-se de uma saúde que salta e age como a melhor das medicinas e das psicologias. Ali, pula um elemento paradoxal que não encontra posição fixa, que evapora as significações, os nomes próprios e as tipificações, que apaga os corpos que produziram e daqueles que, agora, os leem. Os encontros íntimos com vidas ausentes, com seres

cujas costas encontram-se sempre voltadas, com vidas que, tendo sido jogadas, nunca foram possuídas, representadas e ditas, fundam agora, por sua estilística, a possibilidade de uma reviravolta da história. Mesmo que por instantes, naqueles papéis pintados, brilha uma luz ofuscante. Neles, fixou-se um gesto que ultrapassa a bizarra dinâmica de seus autores e se torna indiferente vir a saber quem falou e quem disse. Considera-se mesmo ser preciso alcançar um certo apagamento do indivíduo de carne e osso, para ficar com seu sopro. Então, os leitores também compreendem que o depósito de obras é, enfim, um depósito de vestígios e que a operação enunciativa de traduzi-los somente será possível quando ocuparem o lugar de um morto, quando afirmarem sua própria ausência diante daquilo que se ausenta, mas que pode devir presença.

Entendem que se encontram em um mundo diferente que os força a pensar de outra maneira e pode, então, escutar Cecília Meireles (1976, p.173) a lhes dizer o poema:

Escreverás meu nome com todas as letras,
Com todas as datas,
– e não serei eu.
Repetirás o que me ouviste,
O que leste de mim, e mostrarás o meu retrato,
– e nada disso serei eu. Dirás coisas imaginárias,
Invenções sutis, engenhosas,
– e continuarei ausente.
Somos uma difícil unidade,
De muitos instantes mínimos,
– isso seria eu.

IV - Um manifesto, ou ao menos o tom de um, antes de concluir

Alçar à última potência cada recomeço das vidas infames. Derramar o azeite quente que verte de suas obras expressivas sobre o gelo dos saberes que as condenou. Pensar em salvá-las e ao mesmo tempo recuar, pois chegamos tarde demais e já não mais podemos fazê-lo. Vidas perdidas, mas que não sejam em vão. Teriam chances de alguma revanche? Teriam consciência do poder que as

produziu? Teriam possibilidade de se saberem testemunhas de uma longa história, da qual transformaram-se em planos de inscrição do biopoder que as dominou? Seus corpos carregam as marcas de um estado de exceção, onde os direitos lhes foram negados e, acreditamos que, uma das razões para impulsioná-los à sobrevivência foi a de converterem-se em testemunho. Como sobreviventes de uma guerra, posicionam-se como transgressores de uma ordem contínua e estabelecida. Buscam mostrar que o mundo é incontável, apesar das forças que querem unificá-lo e fechá-lo. Em suas vozes, ecoam os murmúrios de uma conversa infinita, abundante, múltipla, inesgotável, que nos contam de um mundo tomado por todos os lados e do qual não tiveram como sair. Em seu mundo de papel, desenham paisagens em que tudo se despreza do solo. Fazem voar casas, árvores, animais e a própria gente. Trazem para a cidade os campos, as lavouras e os pomares de sua infância interiorana. Abstraem-nos em impressionantes traços, deixando ver somente fugidios rastros que se assemelham aos de grandes pintores. Embaralham formas, desfazem-nas e as parcializam. Produzem veladuras naquilo que já foi; instauram silêncios brancos e pausas sobre o sangue já derramado; explodem em letras e números sem gramática e matemática; plantam, em velhos papéis, imensas árvores de todos os matizes, querem uma coleção delas ao modo de um pomar extravagante e fecundo. Formam buquês de uma estranha flora; fazem nascer gentes de todas as cores, com muitos dedos nos pés e nas mãos, grandes olhos observadores e bocas carnudas. Amarram-nas em sofás e cadeiras, orná-lhes com condecorações enquanto descalçam-lhes os pés e deixam à vista, sob a roupa, um corpo desnudo. Tudo o que oferecem força ao embaralhamento da visão e apresenta-se como expressão do momento em que a vida se traduz na arte e arte se produz da vida.

Nós os denominamos de artistas da margem e, quando neles falamos referimo-nos, então, não a sujeitos que se situam nas extremidades, delimitando um dentro e um fora da cultura. Referimo-nos à margem que marca um *intermezzo*, a algo que se desloca entre lógicas duras, sem pertencer a qualquer uma. Trata-se, a nosso ver, de um lugar que é, a um só tempo, absolutamente interior e exterior à má-

quina sociocultural e que é forjado no próprio contexto no qual habitam os sujeitos que, então, delas escavam novas possibilidades de linguagem. Desde esta perspectiva, de nosso ponto de vista, torna-se artista aquele que trabalha na direção de um “pode ser”, na atualização das virtualidades imanentes ao seu próprio território existencial, o qual se transmuta por seu ato criador e por suas possíveis proliferações. Consideramos que essa produção artística – criada no próprio seio daquilo que a pode aprisionar – é dotada de um caráter de resistência ativa que a torna peculiar, ética e politicamente significativa. Trata-se de uma produção relevante, tanto por sua extensão quanto por seus significados, podendo ser tomada como um breve clarão que testemunha a existência de homens e mulheres, os quais, apesar da impotência de suas existências, resistem em sua vontade de expressão e de relação viva com a realidade. Trata-se, enfim, de uma manifestação coletiva, que nos leva a perguntar sobre a força que ainda reside na impotência, e sobre como esses corpos assujeitados a tantos desígnios de um poder que os quis normalizar e negar, ainda dizem não ao seu silenciamento e apagamento sócio-afetivo e cultural.

Como já foi dito, suas obras constituem o Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro que consideramos um arquivo da memória social; o qual, ao ultrapassar o sentido de índices registrados de biografias individuais, torna-se documentação que nos remete à necessidade de fazer a história do nosso presente, retomando os liames rompidos dos diálogos entre loucura e razão, cultura, ciência e vida. Mais do que as biografias e rumos de vidas individuais extraviadas da retidão da normalidade, o que nos surpreende e interessa é a sua capacidade de expressão, sua resistência em se manterem dizendo algo quando todo o seu entorno lhes impôs esquecimento e letargia. Não nos interessa tomar as obras de arte para desentranhar-lhes possíveis interpretações inconscientes que viriam a auxiliar em processos terapêuticos. Nosso enfoque, neste momento, recai na obra como incessante manifestação vital dos rumores de forças que habitam ou habitaram os corpos de seus autores. Encorajamo-nos a encontrar, em tais obras, coleções de traços, gestos e cores, um lugar valorizado e visível na cultura e no mundo

das artes, da filosofia e das ciências. Aqui, não importa classificar e denominar segundo critérios marcados pelas dicotomias e separações entre o que pode ser considerado como parte da cultura ou dela excluído. Nosso olhar recai para um longo horizonte e não encontra demarcação de beiras: como se as obras e seus artistas vivessem em meio a um grande rio que, de tão largo, não dá para ver suas beiradas. Artistas da margem e do meio, que não atacam nem se enrijecem nos lugares da moda cultural, uma vez que o seu ditame de produção não corresponde a nenhum outro impera o do seu próprio desejo, sem finalidade mercadológica ou escolástica. Obras e vidas dos afectos e das singularidades, ditadas pela força de expressão de seus corpos.

Neste lugar da loucura institucionalizada, somos tomados pela vertigem. O reto olhar de nossa razão revira-se. Vemo-nos mergulhados em um acontecimento no qual os fatos já não são mais ordenados em sua sequência lógica. Eles saem dos trilhos da continuidade e da sucessão e fazem-nos pensar que o tempo cronos que conhecemos é estreito demais para abrigar os sentidos que são ali produzidos. Neste país, torna-se escancarado aquilo que, na verdade, se faz presente em qualquer outro mundo: um elemento extranumerário existente nunca encontra seu definitivo lugar; torna-se o assaltante rebelde que rouba e transgride o curso esperado e previsível das séries em que os fatos se enfileiram. Nesta cidade dos loucos, instaura-se uma luta constante contra aquilo que não pode ser enfileirado nas séries dos significados familiares. Ocupando as pontas de uma linha sem fim, contrabalançam-se razão e desrazão, saúde e loucura, agentes do poder e sujeitos ao poder, os quais, apesar da forçada contraposição, se descobrem, ao final, ocupantes do mesmo plano. Ferro e água numa composição que pode gerar múltiplos efeitos. Neste país da clausura do Fora, a energia circulante seria traduzida como de alta tensão, caso não tivessem sido engolidas e enclausuradas as forças do Fora. Mesmo tendo tido seus corpos travados e assemelhados a grandes frascos de remédios, alguns desses sujeitos enclausurados pelo regime da longa internação, denotam uma estranha força, uma certa teimosia em viver, parecem mesmo retirar

alguma alegria de certos momentos de sua existência. Celebram, sem consciência alguma, a passagem das águas e sua potência para transformar o duro em mole, o ferro em ferrugem, o sólido em poeira. Sentam-se nos bancos de coral e desaceleram o corpo para dar vazão ao seu delírio. Parecem poder ter tido acesso ao que Nietzsche chama esquecimento. E isso nos toma de contentamento. Estaria aí mais uma razão para se insistir ser o mundo incontável?

Agora que estamos conectados a esse país e à sua (p)ilha deserta, podemos sentir a existência de dois mundos em tensão, como faces de uma mesma moeda. Razão ou desrazão, poder ou impoder, dentro ou fora emergem como tendência de um perverso ritmo binário cuja aberrante monotonia e falta de invenção coloca-se a serviço de aberrações por ele mesmo produzidas. Gostaríamos de nos dedicar a estabelecer a conjunção e+e+e entre os termos para que se nos torne difícil e mesmo impossível problematizar onde efetivamente se localizam cada um destes termos que compõem esse estado de coisas em suspensão. Seria certo supor, até mesmo, que tal atribuição individualizada e hierarquizada de predicados corresponderia a uma tentativa inútil e a um falso caminho para o pensamento. Tudo o que podemos nesse momento saber é que, sendo indissociáveis, cada termo gera o outro e que não há uma essência natural que lhes garanta independência. Os termos em relação retroalimentam-se, havendo entre eles uma espécie de casa vazia, um intervalo branco, ainda não marcado mas marcável, do qual poderão emergir outros possíveis sentidos e devires. Não há mais aqui uma natureza senão aquela que já se entranhou com a cultura e com os artifícios. E, ainda uma vez mais, dizemos que se torna embaraçador quando podemos reconhecer que o que está, supostamente, situado no lado de uma interioridade condenada e tida como impotente ainda resista e queira fazer uma obra de sua vida. Nestes momentos de afecção, sabemos que estamos certos em buscar situar nosso pensamento naquele desvio cego, pois está sendo dali que temos podido mais do que reclamar e denunciar. Aqui estamos juntos e buscamos a intimidade com os segredos da desmedida, de cuja explosão vemos apenas efeitos de devastação. Se

adentramos a paisagem, recolhendo as cortinas de nosso olhar marcado, podemos nos sentir em meio a cenas de um *thriller*, nas quais cadáveres ressurgem de tumbas imemoriais para forjarem núpcias entre vida e morte. Há algo neste horror, contudo, que nos fascina e passeamos nossa sensibilidade sempre num “entre”, nos contagiamos com esses corpos informes e, quando os visitamos em suas moradas, vemos que ainda aquecem as esquálidas camas enfileiradas em quartos coletivos. Quando recém-despertados, esses corpos, sem consciência e sem memória, servem-se de café e pão, colocados em longas mesas providas de bules de alumínio. Em bandejas, comprimidos azuis são distribuídos, como hóstias, em sua boca. Estes garantirão que se mantenham plácidos, libertos das convulsões possíveis de seus delírios. Cigarros feitos de papel-jornal e fumo barato passam a ocupar seus dedos. Uma televisão encena programações históricas e promoções baratas. Teria quem lhe prestasse atenção? Que vidas habitam essas casas, dormem em suas camas, alimentam-se em longas mesas de todos e de ninguém? A quem pertencem esses corpos, encurvados e com pés desnudos, cuja visão nos aproxima de anjos caídos? Quem são esses seres que, sobreviventes de uma catástrofe, erigem seu testemunho de um modo estético, fazem falar mais além das palavras e das imagens, convertem suas dores em possibilidade de arte? Anjos caídos que “conservam seu *phathos*, uma dignidade e um singular glamour” (Bloom, 2008, p.22), diferenciam-se da figura do demônio e fundam-se exatamente na invenção do humano, para nos remeter a algo que perdemos e que temos o potencial de nos tornar de novo. Desta perspectiva, todos nós somos, pois, anjos caídos, desterrados que fomos do paraíso e da imortalidade e portadores dessa falha que é ao mesmo tempo nossa condição de grandeza e miséria.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio d'Água; 1984.
- _____. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.
- BLOOM, Harold. *Anjos caldos*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2008.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras; 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo. Uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Coleção Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Unversitária; 2001.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do Fora*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Poesias Completas*. V.7 I/Poemas II. Ed. Civilização Brasileira; 1976.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Cia. Das Letras; 2006.
- SHULZ, Bruno. *Sanatório*. Rio de Janeiro: Imago; 1994.